



{ SUPLE MEN+O.

LITERATURA PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA **JACINTO
LUCAS PIRES + RARO MAR
ARMANDO FREITAS FILHO
+ DANIELA NEVES** ENTRE-
VISTA **LUCIANA PICCHIO** UM
DOS ÍCONES DA LITERATU-
RA PORTUGUESA + POEMAS
**SANDRA CICCONE GINEZ +
JOVINO MACHADO.**



DAVACA. *Iemanjá*. Stencil.



CAPA: DAVACA. *Clarice Lispector*. Stencil.

Davaca é artista de rua e designer. Tem trabalhos publicados em revistas no Brasil, França e Estados Unidos. Em 2006 participou das Coletivas *International Poster Art*, na Itália, e da *Street Art*, no Centro Cultural Usiminas, Ipatinga, MG.

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS **AÉCIO NEVES DA CUNHA** SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA **ELEONORA SANTA ROSA** SECRETÁRIO ADJUNTO **MARCELO BRAGA DE FREITAS** SUPERINTENDENTE DO SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS **CAMILA DINIZ FERREIRA** PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE **MÁRCIA LARICA** CONSELHO EDITORIAL **ÂNGELA LAGO + CARLOS BRANDÃO + EDUARDO DE JESUS + MELÂNIA SILVA DE AGUIAR + RONALD POLITO** EQUIPE DE APOIO **ANA LÚCIA GAMA + ELIZABETH NEVES + ROSÂNGELA CALDEIRA + WESLEY SILVA QUEIROS + ESTAGIÁRIOS CLARA MASSOTE + MIMA CARFER + EDITORAÇÃO JAIRO ALVARENGA** JORNALISTA RESPONSÁVEL **KÁTIA MARIA MÁSSIMO** (REG.PROF. MTB 3196/MG). TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: IMPRENSA OFICIAL/ **FRANCISCO PEDALINO COSTA** DIRETOR GERAL, **J. PERSICHINI CUNHA** DIRETOR DE TECNOLOGIA GRÁFICA + LIVRARIA E CAFÉ QUIXOTE.

**{SUPLE
MEN+O.**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: 31 3213-1073
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

DANIELA NEVES

A EXPRESSÃO DO BRASIL NO CONTINENTE EUROPEU:

LUCIANA

STEGAGNO

PICCHIO

Luciana Stegagno Picchio, italiana de Alessandria, é hoje um dos maiores ícones das literaturas de língua portuguesa. Com um intenso trabalho que reúne mais de quinhentas obras publicadas, ela é uma grande colaboradora da literatura brasileira, e atua como divulgadora do significado e da expressividade de nossa língua e de nossa cultura em terras mais distantes.

Vivendo em Roma, no legendário apartamento-biblioteca da Via Civita Vecchia, Luciana promoveu eventos que enriqueceram a vida cultural italiana, fazendo com que muitas das idéias que circulam diariamente em Roma sejam também desdobramentos de seu fascínio pelas culturas brasileira e portuguesa.

Além de professora emérita da Universidade de Roma "La Sapienza", "la Professoressa Stegagno", como a chamam carinhosamente os seus fiéis alunos, é docente ainda da Universidade de Pisa, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa, somando dezenas de homenagens. Foi professora de língua e literatura portuguesa, historiadora da literatura, ensaísta, filóloga iberista, medievalista e brasilianista.

Dando continuidade a um trabalho também realizado por alguns dos maiores nomes da nossa literatura, como Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto, Luciana reforça a intensa relação cultural e afetiva entre a cultura do velho e do novo continente, que pode ser vista na apreciação das expressões artísticas do Brasil na Itália.

É para falar um pouco dessa personalidade e dessa profunda ligação com a nossa literatura, que estamos aqui nesse diálogo, diante de Luciana e de sua fascinante biblioteca.

DN: Estamos aqui em Roma, no dia 20 de julho de 2005, tendo a honra de entrevistar a Professora Luciana Stegagno Picchio.

Professora, é conhecido o seu trabalho de ensino e de divulgação da nossa literatura, seja por livros, conferências ou ensino universitário. Como começou esse longo tratado de paixão?

LSP: Isso que você chama de um “tratado literário de paixão” começou para o Brasil com o conhecimento que eu tinha da literatura portuguesa. Portugal eu conheci pela sua dimensão política. Muita gente me pergunta como começou esse amor pela língua portuguesa; e eu digo que começou por razões políticas. Eu era demasiado jovem para ser anti-fascista na Itália, assim fui anti-fascista em Portugal. Conheci amigos, como Mário Soares e como a sua esposa Maria de Jesus, que tinha um irmão que era professor de matemática aqui em Roma, e foram eles que me ensinaram português. Portanto, o meu conhecimento de português nasce por razões políticas, de anti-fascismo.

Depois, entrei na Universidade de Roma e ali tornei-me medievalista. Naquela altura não se estudava o “brasileiro”, estudava-se português. E estudava-se o português a partir do português medieval. Tornei-me professora de literatura portuguesa medieval, de lírica galega portuguesa e foi aí que eu comecei o meu trabalho com Portugal.

Depois, fui fazer uma viagem a Portugal, com amigos portugueses, ainda durante o tempo salazarista, e apaixonei-me por Fernando Pessoa; porque conheci o professor Jacyntho do Prado Coelho, que tinha feito uma belíssima tese de doutoramento sobre Fernando Pessoa, e eu entrei naquele clima. Naquela altura, eu trabalhava também na “Enciclopédia do Espetáculo” e portanto decidi ocupar-me de literatura teatral portuguesa. E ali o meu amor por Gil Vicente.

Escrevi uma história do teatro português, que foi até a primeira a ser publicada. Eles me pedem que eu a republique, mas eu não gosto de voltar às coisas velhas, será preciso que alguém o faça. Depois, quando eu

morrer, eles vão atualizar a minha literatura... a *História da Literatura Portuguesa*.

Em um certo momento, entrou aqui em Roma Murilo Mendes. Vinha como professor de língua e de literatura brasileira na Universidade de Roma, com um título mais ou menos vago de “leitor”. E nos tornamos imediatamente amigos – amiga dele e da mulher, a Saudade Cortesão, que era filha do grande Jaime Cortesão, que era anti-fascista e anti-salazarista por excelência. Tinha fugido para o Brasil, e ali se tinha tornado, como era um grande historiador, diretor da Biblioteca Nacional do Rio. Eu e Murilo começamos então uma amizade que durou até a morte dele; ele passou aqui dezoito anos.

Ele foi quem me proporcionou a primeira viagem ao Brasil, em 1939, em agosto, no famoso Congresso da Bahia, no qual encontrei toda a gente. Conheci todos, encontrei Eduardo Lourenço, encontrei Jorge de Sena, encontrei tantos, tantos brasileiros como Alceu Amoroso Lima, Alexandre Eulálio... Bom, comecei a interessar-me também pelo Brasil.

Em um certo momento, aqui na Itália havia uma casa editora que fazia uma belíssima coleção de história da literatura, e pediram a Murilo Mendes, que era professor na Universidade, que fizesse uma história da literatura brasileira. E ele disse. “Eu não sou capaz, eu sou objeto da literatura, eu sou sujeito da literatura... É a Luciana que pode fazer”. E eu fui: fiz essa *História da Literatura Brasileira*, que saiu quando Murilo fez setenta anos. (1971)

Foi belíssimo fazer aquela obra. Comecei a estudar tanta coisa! E aquele livro teve grande sucesso; não por ser o meu, mas porque era inserido em uma coleção que se vendia nas bancas de jornais. Venderam uma quantidade de livros e, pela primeira vez, os italianos souberam qualquer coisa sobre o Brasil. Conhecia-se muita coisa... era traduzido Machado de Assis e tantos outros nomes. Depois, surgiu o fenômeno Guimarães Rosa, que deixou os italianos fascinados. Mais adiante foi a vez de Clarice (Lispector). E apareceu o grau zero da literatura.

Foi tudo aquilo, e tudo aquilo entrou na nossa vida... Na nossa vida, porque na casa do Murilo, onde eu ia quase todos os dias, ou ele vinha a minha casa, encontrávamos toda a gente, sobretudo pintores. Ele dizia que amava muito mais os pintores do que os escritores, porque os pintores eram mais simples, podiam ir de pulôver a casa dele, carregando um quadro, e assim não tendo aquela formalidade que tinham os escritores. E pronto!

Nós íamos à casa do Murilo e ali nos encontrávamos todos. Foi ali que conheci quase todos os brasileiros: vinha o Antonio Candido, vinha a Gilda, a mulher dele, vinha Vinícius de Moraes, tantos! Alceu (Amoroso Lima), Tristão de Athayde...

Vinícius vinha, e cantava no teatro Sistina, bebendo uísque no palco, assistido por Toquinho. Eu me lembro daquele período como os melhores anos de nossa vida. Foi uma coisa esplêndida!

Lembro-me de Vinícius, quando íamos ao teatro Sistina, que assentava-se como um Senhor da Renascença, todo de veludo; e tinha o seu uísque de um lado e Toquinho de outro lado, que dirigia a orquestra com as mãos. Era formidável.

E depois, conheci Antônio Callado, que veio aqui em Roma. Muitos conheci no Brasil, porque a partir daquela primeira vez retornei muitas vezes ao Brasil. Só no período da ditadura é que não fui, porque sabiam que eu era contra a ditadura, contra todos.

Lembro-me que uma vez eu tinha sido convidada a ir a São Paulo, por Antonio Candido, e lembro-me que havia um reitor que estava preso. Depois das conferências, fizemos uma espécie de revolução no congresso, com uma nítida separação dos franceses, do lado do governo. Dos italianos era só eu, mas havia também americanos... contra a ditadura.

E quando voltei, lembro-me daquelas escritas que colavam na bagagem: “Ame o Brasil ou deixe-o.” Agora, o Brasil já não precisa que se diga isso. O Brasil se ama sem condições. Ainda voltei muitas vezes, e escrevi tantas literaturas...

Uma coisa bonita foi ser convidada pela “Press Universitaire de France” a escrever uma História da Literatura Brasileira, que não existia. Eu fiquei muito contente, porque não era um brasileiro, nem era um francês que fazia a história da literatura brasileira, fui eu que a fiz. E, portanto, fiz esta grande história da literatura, que foi publicada depois daquela de 71, não, 72. Depois eu aumentei-a, coloquei em dia a edição, que foi publicada em 1997, no Rio, pela Nova Aguilar. E agora, a Academia Brasileira, que me fez acadêmica, promoveu uma nova edição atualizada (publicada recentemente).

Agora também, há um editor italiano, em Milão, que é muito requintado, de muito gosto, e que me pediu para traduzir para o italiano, eu própria, a edição francesa da minha história da literatura brasileira. É esta que está saindo agora com o título *Storia breve della letteratura brasiliana*.

DN: A senhora recontou uma bonita história de grandes momentos da nossa história literária. Desde essa época, todos os nossos nomes vêm passando pela sua casa ou pelos seus textos... Gostaria, então, que nos falasse um pouco dos mais recentes, que fazem parte do maravilhoso trabalho de divulgação e convivência que a senhora continua fazendo. Eu mesma tive a oportunidade de participar no ano passado de um evento em homenagem ao Heleno de Oliveira, aqui em Roma...

LSP: Continuo... Quando há qualquer coisa de brasileiro eles pedem a mim. Por exemplo, o Chico Buarque está agora escrevendo prosa. Já não canta como antigamente, mas canta também. Fez o romance *Budapeste*, foi traduzido, fez tanta coisa! E os editores pedem a mim, pedem a mim até para encontrar o Chico.

Tivemos um prêmio, que aqui se chama “Roma Brasile”. E foi quando ele veio a Roma. Naquele tempo, fui

jantar com o Chico, com o qual eu já tinha uma história de família.

Há muitos anos, antes que viesse o Murilo Mendes, estava aqui o Sérgio Buarque de Holanda, que era o pai do Chico, como professor de literatura brasileira. Naquela altura, o meu marido era um jovem pediatra, muito jovem. E disseram ao Sérgio Buarque de Holanda que havia um pediatra jovem que podia ver-lhe os pequenos. Eu lembro-me que ele apareceu na porta de minha casa com uma série de meninos. Muitíssimos. E um deles era o Chico.

E então, quando os anos passaram e o Chico tornou-se importante, o meu marido mostrava a caminha e dizia: “esta é a cama onde eu tratei do Chico pequenino”. E portanto era também uma lembrança.

Mas... depois conheci também muitos autores, muitos cantadores, da música popular brasileira. Conheci o Gil, o João Gilberto, o Caetano, e toda essa gente... Maria Betânia... Todos passam por aqui. Quando vem um brasileiro, vem aqui.

DN: É... a senhora é o ponto de referência nosso na Itália.... (risos). E como a senhora definiria hoje o painel da literatura brasileira?

LSP: A literatura brasileira mudou um pouco, porque morreram os grandes nomes. Já não há o Jorge Amado que, naquela altura, caracterizava um certo sentido para a literatura brasileira, num certo sentido populista. E morreu o Drummond... o Drummond que era a poesia. Antes, tinha morrido Murilo Mendes, que ainda não era conhecido no Brasil. E até gloriome de tê-lo reintroduzido com a minha edição crítica de toda a obra do Murilo, que não era conhecida também, não conheciam a prosa do Murilo. Ele escreveu aqui muitas dessas obras e agora é um dos grandes poetas do Brasil.

Não sei... sim, mudou, mudou... eu conheci todos os grandes monstros; conheci Murilo, Drummond... conheci todos e agora desapareceram todos. Desapareceu Clarice... Portanto, agora são as novas gerações, que

são diferentes, naturalmente. Há o Chico, que escreveu *Budapeste* e tornou-se um nome. Há também o Moacyr Scliar, que apresenta um Rio Grande do Sul que antes não aparecia na literatura e que agora aparece.

O Moacyr Scliar escreveu um bellissimo livro que se chama *O centauro no jardim*. Este centauro tem quatro patas: é russo, é judeu, é brasileiro e brasileiro do sul. Portanto, quatro patas. Este livro é uma grande metáfora, porque explica que para ser aceito no Brasil, e na sociedade, ele tem que se mutilar, tem que deixar as patas, tem que deixar pelo menos duas – aquela de russo, aquela de judeu, quem sabe... É uma mutilação. O Moacyr Scliar entrou agora na Academia.

Há também um caso muito interessante, que é esse do Paulo Coelho. Quando eu conheci o Paulo Coelho, eu lhe disse atrevidamente: “Como é que você é tão importante e vende tantos livros, tantos livros, em toda parte do mundo?”. Mas ele me disse: “Eu não sou um escritor, eu sou um mago. Eu era um letrista de samba e aprendi a destilar as tais palavras certas”.

E eu até apoiei a entrada do Paulo Coelho na Academia, porque na Academia há toda gente: há médicos, há o Pitanguí, há militares, há tudo. Portanto ele, ao menos, escreve livros. Ele trouxe a literatura até as pessoas que nunca tinham lido um livro, ou que tinham lido só três novelas cômicas. E, portanto, aceitemos também o Paulo Coelho, afinal o homem é simpático.

DN: Penso que é importante também ressaltar todos os eventos e as novidades que continuam acontecendo aqui, sobre escritores brasileiros, portugueses, africanos... após todas essas transformações.

LSP: Sim, agora fizemos um grande sucesso com a tradução de um heterônimo não conhecido do Fernando Pessoa: é o “Barão de Tevere”. Barão de Tevere é um suicida, um homem que se suicidou e que escreve um tratado sobre como é que ele chega ao suicídio. Eu digo que é uma espécie de instigação ao suicídio. Ele diz que suicidou o Barão de Tevere exatamente para não suicidar Fernando Pessoa. Assim, quando Fernando Pessoa falava dos seus heterônimos nos últimos anos,

já não falava do Barão de Tevere; mas, este livro, como todas as coisas de Fernando Pessoa, teve um imediato sucesso na Itália.

Agora estou traduzindo uma coisa estranha, que são as “quadras” de Fernando Pessoa. Nos últimos anos da sua vida, Fernando Pessoa fez esse exercício de poesia popular. Não são todas bonitas essas quadras. São até muito difíceis de traduzir, porque é uma banalização. Elas são banais, às vezes. Eu escrevi um severíssimo prefácio. Lembrei-me do Jorge de Sena, que dizia que é lamentável que uma pessoa como Fernando Pessoa tivesse feito quadras.

No entanto, ele traduziu umas que eram mais fáceis de traduzir, que era mais difícil de trair, porque a língua italiana é muito mais longa do que a portuguesa. Portanto, era muito difícil colher em quatro versos, numa quadra, todo o pensamento do Pessoa.

DN: Pelo que mostram as traduções que estão sendo feitas, a senhora tem cumprido esta “tarefa traidora” brilhantemente; me lembro dos versos que li. Então, do Pessoa e do Saramago a senhora continua muito próxima?

LSP: Saramago foi apresentado à Itália nesta casa. Saramago é muito generoso na sua amizade. Ontem, me mandou o último livro dele com uma dedicatória: “à Luciana, estrela cintilante do meu céu”. Isto me fez muito impressionada. Ele é muito traduzido na Itália. E a maior tradutora do Saramago na Itália tornou-se a minha nora, Rita Desti, que é também lusitanista. Ela traduziu tudo de Saramago. Está agora traduzindo o seu novo livro, que se chama *Intermitências da morte* – um livro que ele publicou depois do último: *Ensaio sobre a lucidez*. Antes tinha escrito o *Ensaio sobre a cegueira*. E agora *Intermitências da morte*.

DN: E, voltando à literatura brasileira, lembro-me de um evento recente em Roma sobre Heleno de Oliveira e outro sobre Carlos Nejar...

LSP: Heleno de Oliveira era um preto que vivia aqui e que veio à Itália como coordenador dos “Focolarini” (pequenas comunidades-lares). “Focolarini” é uma espécie

de associação mundial, como existe muito no Brasil, que liga as famílias, cuida dos portugueses e brasileiros na Itália. Ele veio para cá, viveu em Florença, escreveu poemas belíssimos em português, e depois se tornou poeta italiano. Este fenômeno acontece, e aconteceu também com Murilo Mendes – tornar-se poeta italiano. Aqui, isto é publicado pelos editores como poesia da imigração. São os imigrantes que assumem a nova forma de expressão.

Helena escreveu esses poemas, veio visitar-me aqui e depois morreu de repente em Lisboa. Estava fazendo uma tese de doutoramento sobre Sophia de Mello Breyner, que também morreu recentemente.

Morrem todos. A nossa vida agora é uma espécie de itinerário entre essas mortes. Todos os dias estamos mais pobres...

DN: É nosso destino... Mas é interessante esse fenômeno da poesia de imigração, esses poetas brasileiros que se encontraram na Itália...

LSP: Sim, é o que aconteceu com o Murilo, o que aconteceu com o Helena. Eles vivem aqui e recebem as novas vozes da rua; continuamente recebiam da sua rua... e portanto aprendem uma nova forma de ser poeta. Lembro-me que o Murilo todas as noites me telefonava, com um novo poema, dizendo desse gosto de escrever na língua outra. Eu conheci esse gosto de escrever na língua outra, eu também escrevi na língua outra...

DN: Aliás, é o nome de sua autobiografia: *A língua outra*. E, como a senhora disse uma vez, “essa vida foi dedicada à língua portuguesa, quem sabe, se existir outra vida, será a vez da italiana”.

LSP: Nunca se sabe!

DN: E houve ainda outras culturas e línguas, não?

LSP: Eu vivi na França, pequenina. Porque eu sou piemontesa, e minha avó era francesa de Chamberry. Eu tinha um tio que vivia na França e quando eu tinha dez anos, como se usava antigamente, meu pai mandou-me

à França para aprender francês. Ele dizia. “pode falar todas as línguas mal, mas o francês não; o francês é preciso falar com um bom acento”. Depois, aprendi a falar todas as línguas mal, mas o francês ainda falo com um bom acento... (risos)

DN: Mas, português, belíssimo! E os recentes prêmios?

LSP: Recebi recentemente uma alta condecoração do presidente Carlo Ciampi, que me entregou pessoalmente. É um bom político; dos outros não podemos dizer o mesmo....

DN: Das homenagens, há alguma recordação especial?

LSP: A recordação melhor é que, quando me fizeram acadêmica, no Brasil não escreveram o meu sobrenome, é difícil escrever “Stegagno”. Escreveram então: “Luciana na Academia”. Eu gostei daquele Luciana. Pronto.

DN: Com tudo isso, há ainda projetos?

LSP: Procuo hoje só viver bem...

No próximo ano, o salão do livro de Turim, em junho, será dedicado a Portugal e ao Brasil. Eu sei que Portugal já decidiu apoiar, com o Instituto Camões. Eles me convidaram para fazer uma ilustração dos livros portugueses, que neste ano, já apresentei, e no próximo haverá também os brasileiros.

DN: O resto é só agradecimento e admiração pelo trabalho capaz de mostrar, com um olhar sensível e acurado, o que existe de belo na língua e na cultura lusófona.

LSP: Vou buscar o chá...



DANIELA NEVES é professora, mestra e doutoranda em literaturas de língua portuguesa.



DAVACA. *Ed. Stencil.*

cidade à orla de um cadáver devolvido um brilho agudo grita em direções infinitas do sal soprado em dunas passos que afundam a vista inveja visão que reproduz fontes um castelo em se correr pra ele conchas sol areia melada azul água azul ar azul preguiça menina íris excremento de escaravelho vista da lua de raiva intenso límpido metálico centro de bandeira nunca morrer em dia azul nunca morrer porque azul cidade à orla um cadáver devolvido um som escuro acende luzes de afinações infinitas de quem anda e não nada azulado rejeitado só cadáver devolvido ao ar habitat emaranhado em galhos óleo espumado do trecho impróprio sempre o mar a demarcar os mapas desafio seu fio limite branco de borbulhas água prancha poema vela motor de quem entende o descomportamento do mar cidade à orla de seu limite beber se afogar devolvida a si

SANDRA CICCONE GINEZ

ABR

JUST FINE

EDUARDO RECIFE

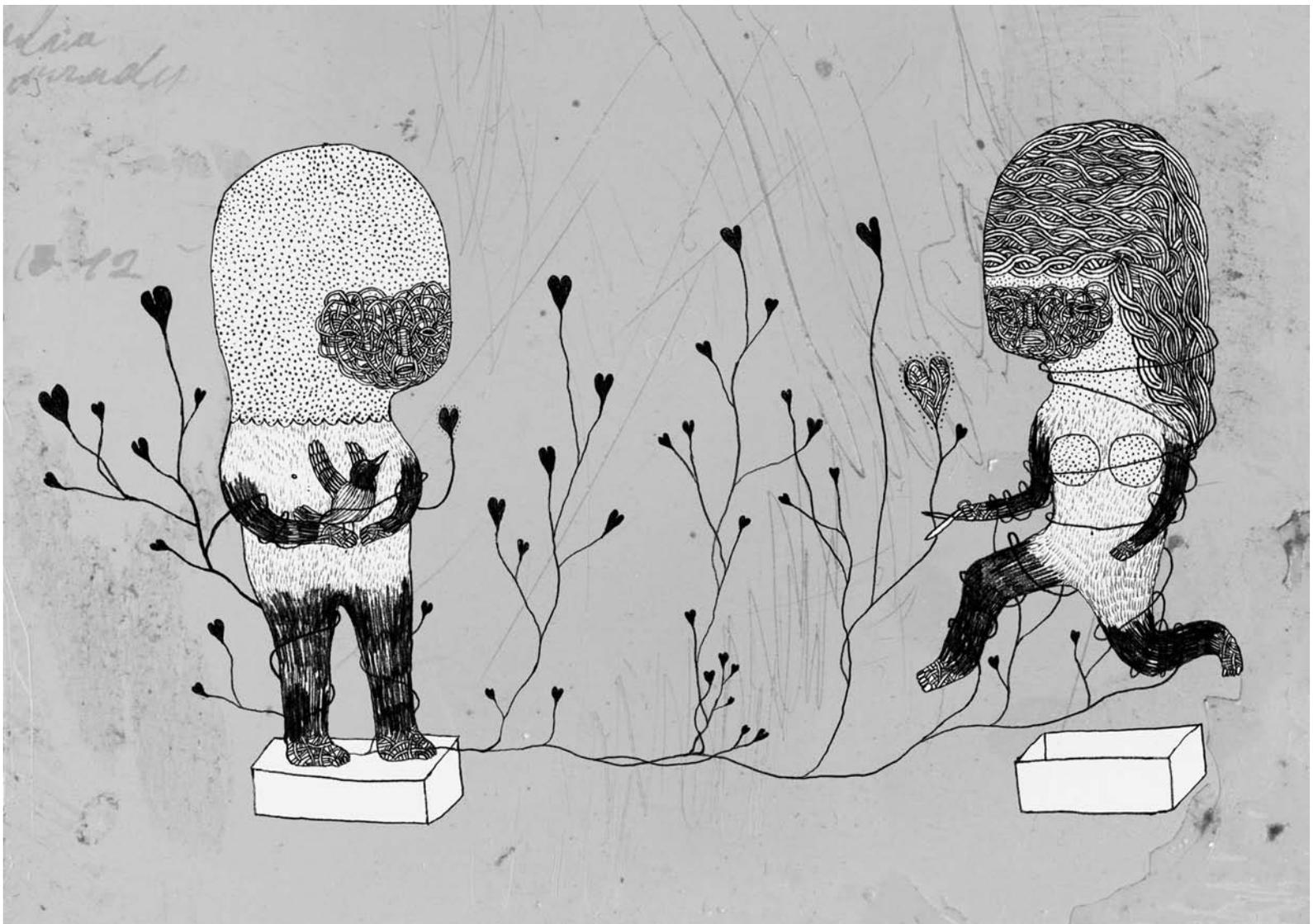
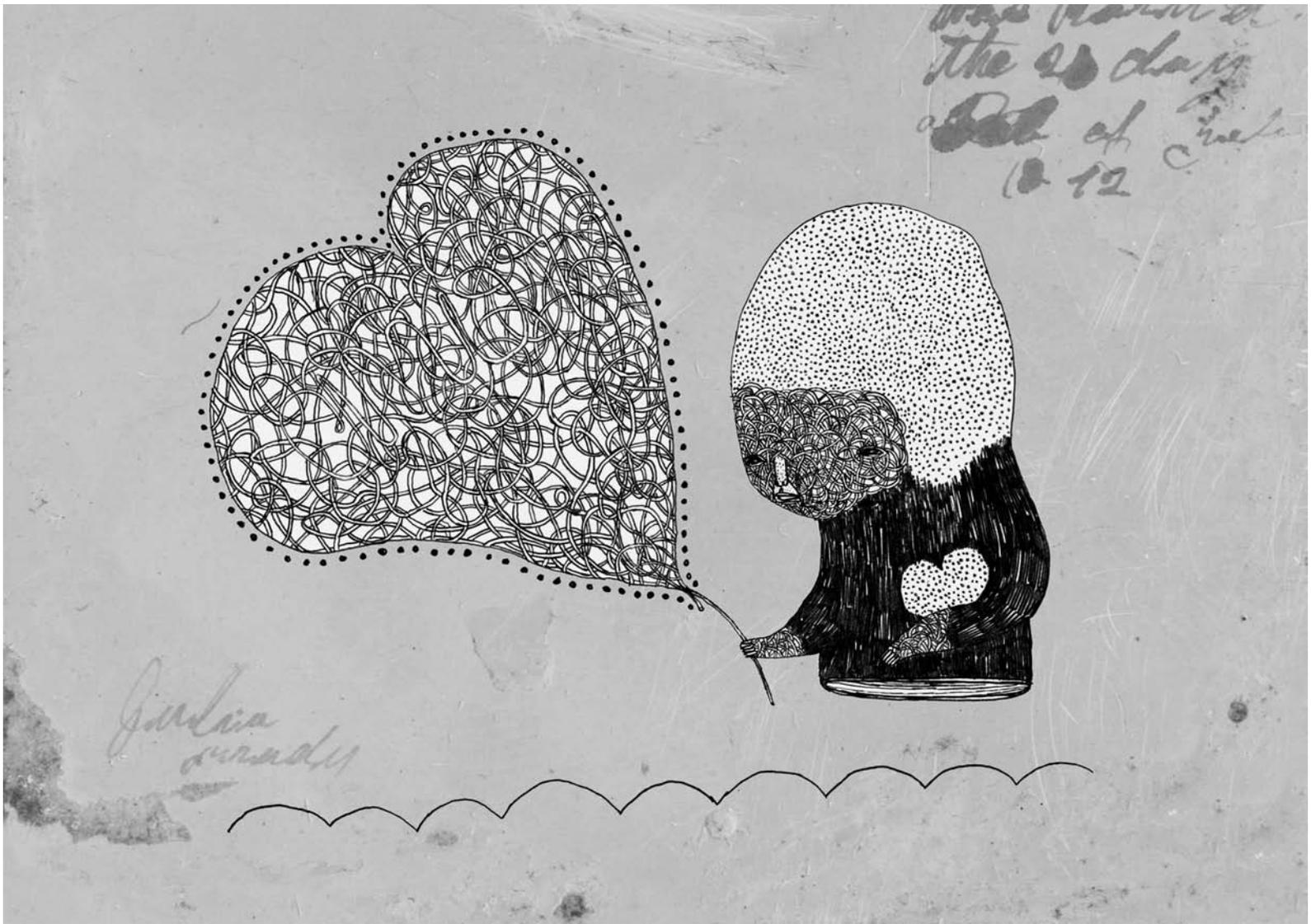
EDUARDO RECIFE é artista/ilustrador e designer. Participou de várias exposições coletivas no Brasil, Estados Unidos, Bélgica, Lituânia e México. Tem trabalhos e entrevistas publicados nas mais importantes revistas internacionais de arte e design como *Graphic*, *How Magazine*, *Computer Arts*, *Web Design Japan*, na nacional *Tupigrafia*, entre outras; e em livros, como *The Picture Book: Contemporary illustration e Taschen's 1000 Favorite Websites*. Ganhou importantes prêmios internacionais. Seu trabalho pode ser visto no site www.misprintedtype.com

Acrílica/grafite em painel de madeira, 2006.



EVERYTHING WILL BE
JUST FINE





LITERATURA PORTUGUESA HOJE:

O

Ao olhar para a cena literária portuguesa contemporânea, vislumbramos que há nela sinais de diferença em relação à cena antecedente. O momento contemporâneo do cenário pós-modernista na ficção portuguesa parece não ter o compromisso apenas com as literaturas pós-colonial, pós-revolução ou pós-utópica, experimentadas, de maneira mais acentuada, pelas gerações anteriores. Provavelmente, um efeito provocado pela era da globalização cultural, onde “as identificações ‘globais’ começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais”¹, como nos adverte o crítico social Stuart Hall.

OLHAR CONTEMPORÂNEO DE JACINTO LUCAS PIRES

VALÉRIA CARDOSO DA SILVA

Em diálogo com esta proposta cultural encontramos, na nova geração de escritores, o jovem Jacinto Lucas Pires que nasceu no Porto em 1974 e licenciou-se em Direito pela Universidade Católica de Lisboa. Pires, também, estudou cinema nos Estados Unidos da América e, ainda, com a publicação de algumas de suas obras, conquistou os prêmios Ruy Cinatti e Ruy Belo de literatura.

Com a entrada do referido escritor no cenário literário português, o leitor contemporâneo descobre uma das revelações da escrita ficcional, que vem despertando um novo olhar e uma nova linguagem na literatura portuguesa. Desde a estréia do seu livro de contos *Para Averiguar do Seu Grau de Pureza*, passando pela peça teatral *Universos e Frigoríficos* e chegando à ficção narrativa de *Azul Turquesa*, acompanhamos as reflexões críticas de um autor que repensa as situações existenciais de um mundo fragmentado e o conseqüente esfacelamento do sujeito contemporâneo.

As treze histórias publicadas em 1996, no livro *Para Averiguar do Seu Grau de Pureza*, parecem nos oferecer recortes cinematográficos expostos nas “Treze prosas com janelas”, onde alguns personagens narram, em primeira pessoa, situações quotidianas e, às vezes incomuns, vividas nas cidades cosmopolitas. As histórias são, metaforicamente, pedras preciosas que vão sendo lapidadas, buscando, no jogo das sensações, sentidos para averiguar

as verdades das realidades interiores dos seres, seja no encontro da morte, da solidão ou no eterno desejo de felicidade.

Dentre as treze histórias, selecionamos três para algumas reflexões. Na primeira, intitulada “Palavras”, observamos um narrador que traz na memória do corpo e na viagem do tempo as angústias do ser e as intranqüilidades da alma, promovendo um solitário monólogo que ainda anseia por alguma linguagem que dê conta de sua existência:

É impossível que não haja mais nada que queira ser dito ali, impossível não é, mas é improvável, muito improvável, mais tarde ou mais cedo descobrirei outras coisas para escrever.

(...) Então subi ao banco e pus a corda à volta do pescoço. Concentrei-me para que não me acontecesse nenhuma palavra e, com os pés, empurrei o banco. Nesse instante lembrei-me do sonho, o sentir da tua mão na minha mão, no escuro. Noite, rumor, branco, manhã. Fiquei uns minutos a admirar a minha morte ali, o corpo da minha morte, enforcado, a baloiçar contra a luz. Por fim, fui até à folha e reescrevi a frase.

“Era como se o tempo, em algum momento, tivesse parado, o homem abriu a janela.”²

Em “Branco” entramos numa segunda janela, geométrica, sinestésica e insólita, onde as cores não são capazes de dar formas às imagens que são desejadas, por não conseguirem alcançar a verdade intangível e sublimada pelo narrador. Neste quadro esfacelador estão presentes o temor à vida, à dor, ao amor, ao sexo e à morte vividos na cidade habitada por sujeitos e valores dilacerados:

(Tenho medo da palavra sexo). As restantes janelas estão fechadas.

(...) Subo ao céu. É um céu parado e branco. Um lugar inexistente. E, novamente o problema da cor, ou, melhor, da falta de cor, para pintar a verdade preciso de um branco, para além deste que consigo, preciso do branco que há debaixo das coisas, no fim de um poema, na música que termina. (...) Se eu amasse alguém seria assim, um inferno de vazio, uma voz calada, lembro-me outra vez da mulher. Deitada numa cama de hospital, a explicar-me o que sentia, “esta doença é o meu corpo dividir-se, tornar-se vários corpos, tudo o que eu queria era encontrar uma unidade absoluta, física”.³

Já em “Dlim Dlão”, a onomatopéia anuncia a incerteza, a dúvida, a dualidade nas relações construídas pelos costumes sociais e não pelos valores sentimentais entre os indivíduos. O som desta terceira janela nos remonta à imagem do sino da igreja, da sacralidade com a qual o narrador brinca e profana. As relações mundanas, aqui, apresentadas, recriam o jogo de dissimulação, seja através da pergunta ou da resposta que são formuladas por aqueles que, aparentemente, se relacionam:

“Dlim dlão faz-me lembrar sim e não”, ataquei, espreitava-te os olhos, que ao que se diz são o espelho da alma, as janelas do coração, “é sim ou é não?”, e a tua boca deu-me a resposta, uma palavra do tamanho daquele lugar todo, só para te obrigar a repeti-la fingi que não tinha ouvido, “o quê?”.⁴

É fato que a sociedade contemporânea tem vivenciado uma desfiguração no mundo público que afeta, diretamente, a vida privada, mexendo com os sentimentos mais íntimos do sujeito, afastando-o da sinceridade e, conseqüentemente, da “realidade” da experiência amorosa, pois como nos diz Sennet:

Quando duas pessoas já não têm revelações a fazer, e a troca comercial chegou ao fim, quase sempre o relacionamento acaba. Esgota-se

porque “não há nada a dizer”, cada um acaba aceitando o outro “como um fato dado”. O tédio é a conseqüência lógica da intimidade nessa relação de troca.⁵

Passando, agora, à peça *Universos e Frigoríficos*, somos apresentados a um jogo cênico que, como nos diz o próprio dramaturgo Jacinto Lucas Pires, trata-se de “um retrato cubista de um anti-herói teatral”⁶. A peça é apresentada em quatro atos e o texto gira em torno de um personagem sem nome, isto é, sem identidade e sem direção, chamado simplesmente de rapaz. Todavia, a ausência do nome pode ser explicada, até mesmo, pelos acontecimentos ocorridos com o personagem central, pois este perde a memória, depois de sofrer uma pancada na cabeça. Em seguida, no banco de um jardim lisboeta, carregando uma pistola no bolso do casaco, o rapaz é acordado por um velho mendigo, também sem nome e sem identidade. Além disso, a história vai sendo (des)montada, como num jogo de quebra-cabeça, proporcionando ao leitor/espectador várias visões de algumas instituições, representadas pela família, pelos amigos e pelo Estado, as quais parecem provocar ou, até mesmo, promover a falha amnésica experimentada por esse sujeito sem destino:

RAPAZ (*sem atender a pergunta do velho*)

Então, que direcção é que eu devo tomar?

VELHO Bom, isso é como diz o outro: depende.

RAPAZ Depende?

VELHO Sim. Depende de para onde é que queiras ir.

RAPAZ (*apontando com o dedo*) Mas acha que é melhor eu ir por aqui ou por ali?

VELHO Tu não tens as ideias assim lá muito claras, pois não? De onde é que fugiste?

RAPAZ Eu...⁷

Os personagens parecem espelhar a morte do corpo do indivíduo e do corpo social, respectivamente, representados pelo rapaz e pelo velho. Os jogos do *non-sens* e do absurdo, presentes no texto, parecem dialogar com a linguagem teatral experimentada por Beckett e Arrabal. A história contada, aqui, não pretende transmitir alguma lição moral ou social como se propõe o teatro narrativo de Brecht, mas, sim, comunicar uma configuração de imagens poéticas, questionando o absoluto, a ausência do pensamento, a uniformização dos indivíduos, a incomunicabilidade entre os seres e o enfrentamento da solidão nas grandes cidades.

Chegando, finalmente, à escrita ficcional narrativa de *Azul Turquesa*, encontramos um olhar fotográfico que

deseja capturar todas imagens quotidianas e que, paradoxalmente, a pena já não consegue escrever com tamanha precisão. A voz narrativa não passa impressões, mas imprecisões pela plasticidade no automatismo dos gestos, das cores e na ausência destas, das falas entrecortadas das personagens, refletindo o esfacelamento dos corpos e dos pensamentos dos sujeitos, no mundo onde já não há mais espaço para a tradição, a reflexão, a contemplação e onde o novo busca a matéria, o artifício, o autômato, como as máquinas:

“A quantia exacta”, exige a máquina, muito electronicamente. O homem põe as mãos nos bolsos, só tem notas. Dirige-se ao compartimento de venda manual de bilhetes. Está vazio, um televisor transmite o ponto de vista de uma câmara de vigilância para ninguém.⁸

O olhar *voyeur* do narrador continua a nos exhibir as imagens da multidão cosmopolita, através de muitos personagens sem nomes e sem identidades. Lembra-nos as cenas do conto *O Homem da Multidão*, de Poe, traduzido por Baudelaire, em que, segundo Walter Benjamin, já não podemos mais sentir este homem como um *flâneur*, pois

Nele o comportamento tranqüilo cedeu lugar ao maníaco. Deste comportamento pode-se, antes, inferir o que se sucederia ao *flâneur*, quando lhe fosse tomado o ambiente ao qual pertence.⁹

Contudo, os protagonistas dessa história conseguem manter, ainda, alguma singularidade. São eles o professor de matemática, José, e a funcionária de uma revista, de nome Maria. São figuras descritas como pessoas comuns e que, também, experimentam o automatismo das cenas da cidade, embora carreguem na sua essência o desejo de algo que parece não estar mais na ordem do dia, isto é, a experiência de amar, mesmo de maneira contraditória e violenta:

“... Eu amo-te”.

Ao ouvir estas palavras, a mulher vira-se, muito rápida, saca a pistola da carteira e dispara contra José. Depois fica um segundo parada, o seu rosto contra o sol.

(...) Os olhos de Maria estão em lágrimas, como quando José a agarrou na entrada do prédio.

E José está caído, agarrado à perna esquerda. Há um silêncio, e a seguir Maria corre para ele, ‘...desculpa, desculpa, desculpa...’, e beija-o na cara repetidamente. Ao mesmo tempo vai

dizendo ‘desculpa, meu amor. Eu também te amo... eu também te amo’”.¹⁰

Nada é gratuito em um texto literário, e, da mesma forma, a palavra AMOR, cujo o R final é escrito de maneira espelhada¹¹ indica não apenas a brincadeira pueril na troca de uma letra, mas a situação ao avesso, o desejo por algo que, não só, como já foi dito, não está na ordem do dia, mas, sobretudo, algo que não se encontra em ordem. Não obstante, os personagens perseguem a idéia de amar desordenadamente.

José e Maria trazem em si o peso de nomes da tradição cultural de um Portugal cristão, ao mesmo tempo, seus nomes são índices de anonimato, um anonimato suavizado pelos detalhes que nos são dados, ao longo do texto, acerca de suas vidas caóticas.

As três obras literárias, aqui, brevemente mencionadas podem nos dar a dimensão da escrita almejada por Jacinto Lucas Pires, uma escrita inquieta, cidadina, por excelência, que vive os conflitos do mundo contemporâneo: a relativização das verdades, a fragmentação de uma realidade inalcançável, a automatização, o isolamento do humano que, apesar de tudo, ainda busca algum sentimento, mesmo que este seja ou venha às avessas.

1. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 73.
2. PIRES, Jacinto Lucas. *Para Averiguar do Seu Grau de Pureza*. Lisboa: Cotovia, 1996, p. 16-17.
3. *Ibidem*, p. 30-31.
4. *Ibidem*, p. 57.
5. SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 23-24.
6. Entrevista cedida à revista *Bravo*, nº 33, em junho de 2000, p. 75.
7. PIRES, Jacinto Lucas. *Universos e frigoríficos*. Lisboa: Cotovia, 1997, p. 10-11.
8. PIRES, Jacinto Lucas. *Azul Turquesa*. Lisboa: Cotovia, 1998, p. 12.
9. BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.121.
10. PIRES, Jacinto Lucas. *Azul Turquesa*. Lisboa: Cotovia, 1998, p. 114-115.
11. *Ibidem*, p.17

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Bravo, nº 33, junho de 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

PIRES, Jacinto Lucas. *Azul Turquesa*. Lisboa: Cotovia, 1998.

———. *Para Averiguar do Seu Grau de Pureza*. Lisboa: Cotovia, 1996.

———. *Universos e frigoríficos*. Lisboa: Cotovia, 1997.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VALÉRIA CARDOSO DA SILVA é Mestra em Letras pela UFF (Universidade Federal Fluminense) e Especialista em Literatura Portuguesa pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Possui publicações em revistas e periódicos virtuais: O que é Literatura, junto ao PAAC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea) da Faculdade de Comunicação da UFRJ e integra pesquisas ligadas à área de Literaturas Luso-Afro-Brasileiras.



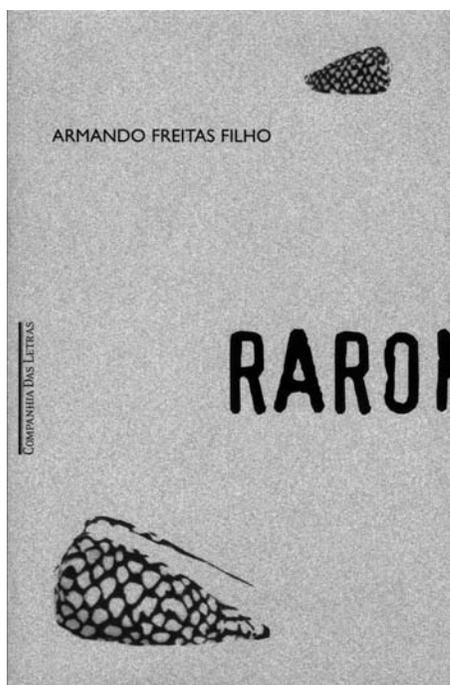
DISEÑADOR

NINA MAIA

NINA MAIA é ilustradora e designer, graduada em Comunicação pela UFMG, pós-graduada em ilustração pela Eina, Barcelona, onde reside e trabalha.

OS SENTIDOS DE UMA POESIA

MÁRIO ALEX ROSA



Muitos poetas, como se sabe, deixaram registrados o seu olhar sobre a cidade de origem ou a que adotaram. O tema é bem antigo e, para não nos prolongarmos, fiquemos com os “Quadros parisienses” em *As Flores do mal*. Neles Baudelaire observou a capital francesa do século XIX como um *flâneur*. No Brasil, século XX, Drummond escreveu tanto sobre Minas como também sobre o Rio de Janeiro, cidade que adotou. João Cabral, por sua vez, homenageou Pernambuco e Sevilha. Bem antes, Mário de Andrade, em 1922, publicou *Paulicéia Desvairada*, livro quase todo dedicado a São Paulo.

Em *Raro Mar* (2006), o poeta contemporâneo Armando Freitas Filho também percorre sua cidade, o Rio de Janeiro, travando uma relação de amor e espanto. O contraste entre a beleza natural e a violência que assalta a *cidade maravilhosa* sugere a dialética como única possibilidade de observar esse lugar, pois, ao mesmo tempo em que o poeta é tomado pela beleza, essa lhe é roubada por um bloco de cimento armado que, aos poucos, diminui o horizonte e empareda a palavra, o poeta e os moradores, porque “*A morte se transmite em código por celular rascante, funkeado*”.

Consciente dessa situação limite, já em *Números anônimos* (2004), livro excepcional, Armando Freitas não deixou de registrar magistralmente os acontecimentos da época também no Rio: “Rock, samba, funk cabeludo/ ou uma trilha para a guerra:/ escopetas, de sol a sol sempre/ no último furo, fuzilando”, ou nestes versos de um tom

áspero: “A cidade atravessa o dia/ engatilhada. /Anônimo, mata ao acaso/ e escapa, acossado/ atirando para o alto/ no alvo do sol certo”.

O novo livro *Raro Mar*, guardadas as diferenças, lembra-nos *Números anônimos*. O retrato da cidade parece não ter mudado muito. No entanto, o olhar agora, embora ainda apaixonado, apresenta-se mais sentencioso como mostra o poema “Rio de Novo”: “A cidade me rende mil montanhas/ o mar, que de tão onipresente/ não é mais visto nem a maresia/ sentida./ O céu passa abreviado/ o coração pára sob o sol obrigatório/ que continua batendo até o suicídio/ de cada dia,/ de todas as cores, na noite/ onde morrem convictas estrelas traçantes/ no palco armado para a lua./ A cidade me rende e imprensa – entre / paisagem e tráfico – à mercê da carne”. É inevitável voltarmos nossa atenção para a força do poema e particularmente da construção dos dois últimos versos onde os travessões reforçam a idéia de emparedamento entre o belo e a brutalidade do lugar cujo nome encontra-se ironicamente no título do poema, ou seja, o novo já é velho e a carne, leia-se vida, fica à mercê de tudo. O diálogo dissonante entre beleza e violência continua em “Geral”, “Firmamento”, “Litoral” e “Morro”, poemas que dão a dimensão de um poeta que caminha aberto a tempestades, observando os contrastes de sua cidade.

Ao lermos Armando Freitas, temos a sensação de que seus poemas são um amálgama dos sentidos, sobretudo o da visão, o da audição e o do tato (se pensarmos no erotismo, um dos núcleos

sempre presentes). Os sentidos aguçados do poeta parecem não querer perder detalhe algum. Tudo é captado e bem estruturado em cada verso. O poeta deseja aliterar tudo; evidentemente sem nenhum artifício frio e calculado, como percebemos no ritmo pulsante do belo poema “Litoral”, onde tudo pode acontecer em frações de minutos diante de um sinal de trânsito.

É importante frisarmos que a poesia de Armando Freitas está longe de uma proposta engajada ou de uma poesia social presa ao mundo real. Ao contrário, ela mimetiza de forma crítica o mundo no qual o poeta vive. A urgência de não deixar escapar nada, de se colocar no risco entre poesia e vida, mostra-nos a inquietude de um poeta que deixa transparecer as impurezas. A ferida parece estar sempre aberta. Talvez seja por isso que a crítica nunca hesitou em chamá-la de uma poética *visceral*. E não há outra maneira senão deixar tudo exposto, porque esse é um modo de estar no mundo sem aparar as arestas.

Se, por um lado, *Raro Mar* conflitua com paisagens, por outro, Armando Freitas continua dialogando com dois poetas caros a sua formação: Drummond e Cabral. Essa troca é marcada por tensões de adesão e negação. Tudo se impõe como se lê-los fosse uma maneira de se libertar deles. Entretanto, ao que nos parece, quanto mais Armando Freitas escreve mais ele acentua a admiração a Drummond e a negação, ainda que muito bem formalizada, da construção cabralina. Nota-se ironicamente que no título “Outra receita”, o poeta propõe uma exposição mais

misturada entre, digamos, a pedra e o feijão, o bruto e o lapidado que fazem parte da anti-receita freitasiana. Em Drummond, a tensão é ainda maior, pois o eu *retorcido* do poeta mineiro parece retorcer o poeta carioca, e o que se vê é uma inflexão de um poeta-leitor que não oscila em afirmar que a poesia de Carlos Drummond nos atravessa para sempre.

Afora esses diálogos, há poemas que nos remetem às artes plásticas, como “Ar e terra”, uma bela homenagem ao escultor Amílcar de Castro. Lendo-os reencontramos a própria poética de Armando. Dizer do outro é dizer também de si mesmo. É como uma metalinguagem, um modo de falar da construção do próprio poema. E, por fim, há toda uma seqüência de poemas nomeados por números, já iniciados em *Numeral Nominal*, reunidos em *Máquina de Escrever* (2003). A sensação é que essa numeração – toda datada – é um desafio para o próprio poeta, pois, se os números são infinitos, até quando será capaz de numerar? Até onde pode ir a criação? Ela tem limites? Não temos respostas, ou melhor, ficaremos aguardando os próximos livros do poeta.

A rigor, essa obstinação não tem o caráter de uma *máquina de escrever* que reproduz em série. Na verdade, o que caracteriza essa busca, é uma mistura de um poeta verdadeiramente apaixonado pela palavra, pelo fazer, por querer estar sempre desafiando a si mesmo e a linguagem. Enfim um poeta que procura saber até onde a sua linguagem pode alcançar. É uma verdadeira batalha do dizer, do nomear e numerar, uma

obsessão, pois “A noite desafia o dia/ que cada dia é menos um” (“41”). Assim, Armando se coloca diante do risco da criação, porque o amálgama entre vida e poesia parece se alimentar um do outro. Desse modo, a falta de um pode resultar no que diz o verso do poema “44”: “Parar de escrever pode ser morrer”. Aqui a tensão do limite é marcada pelo tempo de vida que resta: cada dizer é um escrever a menos, é menos um poema, é não dissociar vida e morte. Um exemplo é o belíssimo poema “62”, onde tempo, memória, passado e presente encontram-se no diálogo com a imagem paterna.

É importante ressaltarmos que a numeração crescente não é apenas uma série ou um jogo de efeitos criativos. O sentido não está na numeração em si, mas no que o poeta se propôs a fazer, ou seja, numerar até quando a vida e a poesia permitirem. O que nos chama a atenção nessa numeração é a relação que o poeta trava entre passado e presente, entre o aqui, o agora, e o que já ficou para trás. A fórmula seria mais ou menos assim: aproximar-se do fim é também distanciar-se dele, recordar é guardar de novo no coração. O exercício de relembrar é, na poesia de Armando Freitas, um modo de encarar a “indesejada da gente”, seja qual for. No caso de Armando é o corpo, os amigos, o Rio de Janeiro, a poesia, a morte e, enfim, a vida.

MÁRIO ALEX ROSA é professor do curso de Letras - UNI-BH e doutorando em Literatura Brasileira-USP.

amo o que me ameaça

e depois da trapaça

só o poema traça

o início e o fim da desgraça

JOVINO ANTÔNIO RABELO MACHADO nasceu em Formiga (MG), em 1963. Publicou os livros *Só Poesias* (1981), *Uma Mordida Para Cada Língua* (1985), *Deselegância Discreta* (1993), *Trint'anos Prousteanos* (1995) e *Fratura Exposta* (2005), entre outros. Atualmente vive em Belo Horizonte e trabalha na composição da trilogia do álcool.



PRAÇA SETE: O CORAÇÃO DA CIDADE

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Belo Horizonte: Conceito, 2006

Mais um lançamento da coleção “BH – A Cidade de Cada Um”. Cada livro traz a memória afetiva de Belo Horizonte através dos olhos dos melhores cronistas da cidade. Nesta edição, a famigerada Praça Sete é retratada com originalidade graças ao talento do jornalista e escritor belo-horizontino Ângelo Oswaldo, ex-secretário de Estado de Cultura e atual prefeito de Ouro Preto.



TORRES DE BABEL

Jacques Derrida
Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

Fundador do Collège International de Philosophie, em Paris, Jacques Derrida apresenta, em *Torres de Babel*, os limites intransponíveis da tradução, através de uma argumentação filosófica e histórica. Com referências a Benjamin e Jakobson, entre outros, o livro conta com a tradução de Junia Barreto que assumiu o desafio de transpor a “incapacidade do tradutor de reproduzir a verdadeira intenção do texto original”.



O REINO DOS PUXÕES DE ORELHA E OUTRAS VIAGENS

Luis Giffoni
Belo Horizonte: Pulsar, 2006

Depois de *Retalhos do Mundo*, o escritor mineiro Luis Giffoni lança mais um título no qual descreve/narra suas incríveis viagens pelos mais diferentes lugares do mundo. Ficcionalista convicto, o autor afirma que “não existem duas pessoas com o mesmo olhar” e que “vive de criar ilusões com tempero de realidade”. Seus relatos de passagens pelo Peru, Estados Unidos, Tailândia e Itália deixam clara a pincelada de ficção nas realidades de cada lugar.



REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO

Coordenação: Renato Pinto Venâncio - Superintendente do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Estado de Minas Gerais, 2006

A edição do segundo semestre de 2006 da Revista do Arquivo Público Mineiro traz algumas novidades dos projetos desenvolvidos pela instituição. Uma das mais relevantes é a microfilmagem e digitalização de acervos das mais antigas câmaras coloniais mineiras, como Mariana, Ouro Preto, Sabará e Tiradentes. Além de constituírem uma pequena amostragem do gigantesco laboratório de pesquisa do Estado, os documentos dessa edição revelam recentes novidades sobre a historiografia regional.



POESIA DA RECUSA

Augusto de Campos
São Paulo: Perspectiva, 2006

“Trabalho severo, em literatura, se manifesta e se opera por meio de recusas”, disse, certa vez, Valéry. Seguindo este fio condutor, Augusto de Campos traduz diversos poetas que, pela recusa ética ou estética, assumem uma postura radical na linguagem contra o fácil, o convencional e o impositivo. Soluções difíceis e impecáveis de um artifice da arte da tradução fazem jus aos poetas escolhidos - Mallarmé, Anna Akhmátova, Óssip Mandelstan, Marina Tzvietáieva, Yeats, Gertrude Stein Dylan Thomas - entre outros. Após trinta e cinco anos, sai pela Amauta Editorial, a segunda edição do poema de Augusto de Campos “Colidouescapo”, com projeto gráfico do autor.

BIG BANG

SANDRA CICCONE GINEZ

e
cresce
que cresce
que cresce os
cresces não cabem
se sabe se sabe se sabe
que os sabes não sabem e
não cabem um cabe não cabe
não cabe não cabe não cabe e os
cabelos não cabem não cabem não cabem
os cabelos crescem se sabe que não sabem
e que não cabem dentro de crânios e costelas

SANDRA CICCONE GINEZ é poeta, contista e jornalista. Cursou História da Arte no MASP, publicou no jornal de poesia contemporânea *O Casulo*, 2 e 3, e nos sites: Projeto Identidade, Observador Cultural, Sibila e participa de oficinas e grupos de estudo na Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura.

